UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTE E CULTURA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Floki de Magalhães Lopes

A Grande Recusa: entre Marcuse e Whitehead

OURO PRETO - MG
2026

Floki de Magalhães Lopes

A Grande Recusa: entre Marcuse e Whitehead

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto como um dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Romero Alves Dias

OURO PRETO - MG

2026

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

UFOP

FOLHA DE APROVAÇÃO

Floki de Magalhães Lopes

A Grande Recusa: entre Marcuse e Whitehead

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia

Aprovada em 17 de setembro de 2025.

Membros da banca

Prof. Dr. Romero Alves Freitas - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Bruno Almeida Guimarães - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Imaculada Maria Guimarães Alves - Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Romero Alves Freitas, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 17/09/2025

Documento assinado eletronicamente por **Romero Alves Freitas**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/11/2026, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **1228763** e o código CRC **850DFA69**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.014329/2026-92 SEI nº 1228763

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: - www.ufop.br

RESUMO

A Grande Recusa é um dos conceitos centrais para a compreensão da teoria marcuseana, aparecendo como uma nova maneira de encarar a realidade, não apenas vendo aquilo que está dado, mas tendo em vista que tudo que existe pode ser de uma maneira diferente. Marcuse toma emprestado tal conceito de uma das obras do filósofo britânico Alfred North Whitehead, a saber, *A ciência e o Mundo Moderno*, onde ele propõe uma mudança radical na cosmologia da ciência e na razão como um todo. O presente artigo se empenha em analisar algumas das obras em que Marcuse cita a Grande Recusa, bem como em compreender um pouco mais sobre a teoria whiteheadiana, com objetivo de aproximar os estudos de ambos filósofos, além de refletir sobre algumas questões que surgem na atualidade.

Palavras-chave: Grande Recusa; Whitehead; Marcuse; Teoria Crítica; Ciência; Arte.

ABSTRACT

The Great Refusal is one of the central concepts for understanding Marcuse's theory, appearing as a new way of looking at reality, not just seeing what is given, but bearing in mind that everything that exists can be different. Marcuse borrows this concept from one of the works of British philosopher Alfred North Whitehead, namely, Science and the Modern World, where he proposes a radical change in the cosmology of science and reason as a whole. This article seeks to analyze some of the works in which Marcuse cites the Great Refusal, as well as to understand a little more about Whiteheadian theory, with the aim of bringing the studies of both philosophers closer together, in addition to reflecting on some issues that arise today.

Key-words: Great Refusal; Whitehead; Marcuse; Critical Theory; Science; Art.

INTRODUÇÃO

A Teoria Crítica foi marcada por grandes nomes que tiveram por objetivo não apenas analisar a lógica do capitalismo, mas, também, encontrar maneiras de criticá-la e superá-la (Nobre, 2008, p. 17). Dentre os vários teóricos que a constituem, destaca-se Herbert Marcuse (1898–1979), chamado por alguns de Guru da Nova Esquerda (por mais que ele rejeitasse tal título) devido ao caráter revolucionário de suas ideias, tendo tido grande influência nas revoltas estudantis de 1968 na Europa e nos Estados Unidos. Marcado pelas ideias marxistas e psicanalíticas, o filósofo procurava encontrar uma maneira de se alcançar uma mudança qualitativa da sociedade; todavia, para que isso fosse possível seria necessário haver também uma mudança nos indivíduos que a constituem.

No decorrer das obras do filósofo são denunciadas as diversas contradições da sociedade industrializada. Desde a crescente perda de liberdade (com ou sem o uso de violência direta); uma população incentivada a usar cada vez menos o pensamento crítico; e até mesmo uma sociedade que se intitula levianamente como igualitária e justa, entre diversos outros pontos. A Grande Recusa aparece, então, como uma espécie de grito de guerra (e também, aquilo que dá origem a este grito) do oprimido que apenas deseja ter uma vida não angustiante (Marcuse , 2022, p. 115). Com isso denuncia-se o *status quo*, ao passo que imagina (e, talvez, até mesmo tenta alcançar) uma realidade que não essa. A Grande Recusa se mostra como um dos conceitos centrais para a compreensão da filosofia marcuseana.

Tal conceito é retirado da obra *A ciência e o mundo moderno* do filósofo e cientista Alfred North Whitehead (1861–1947), onde critica a maneira como a ciência e a razão são conduzidas. Para realizar tal tarefa, Whitehead propõe uma cosmologia mais ampla, baseada na ideia de que deve-se analisar os objetos como processos, e não substâncias fixas.

A presente pesquisa irá, em um primeiro momento, enunciar as principais ocorrências da Grande Recusa em Marcuse, visando traçar uma possível "evolução" do conceito na literatura do filósofo da Teoria Crítica. Depois, o estudo se voltará para como esse conceito é utilizado por Alfred North Whitehead, além de uma breve explanação de sua teoria. Por fim, pretende-se mostrar como ambas teorias se comunicam, na tentativa de aproximá-las entre si e dos problemas contemporâneos.

1. OCORRÊNCIAS DA GRANDE RECUSA EM MARCUSE

A Grande Recusa é um conceito que parece rondar toda a literatura marcuseana; por mais que nem sempre seja diretamente citada, sua presença parece ser inquestionável. A presente seção pretende enunciar como Marcuse apresenta esse conceito em alguns de seus principais textos, a saber: *Algumas considerações sobre Aragon* (1945); *Eros e Civilização* (1955); *O homem Unidimensional* (1964) e, por fim, *Um ensaio sobre a libertação* (1969). A primeira obra analisada é a que, seguindo a ordem cronológica, inaugura o uso da Grande Recusa nas obras marcuseanas, por mais que haja uma certa incerteza sobre quando ela foi finalizada[1]. A obra *Eros e Civilização* foi escolhida pois nela encontramos o primeiro momento em que a Grande Recusa é mais extensivamente incorporada na teoria marcuseana, além de ser de grande ajuda na compreensão da visão psicanalítica do filósofo da Teoria Crítica. Já a relevância do livro *O Homem Unidimensional* transparece ao apresentar como a sociedade industrial mudou rapidamente entre os anos 50 e 60, e, além disso, a maneira como a racionalidade que coordena essa sociedade dificulta ainda mais a possibilidade da realização da Grande Recusa. Por fim, *Um ensaio sobre a libertação* é um dos textos marcuseanos mais recentes, mas, além disso, toda a obra parece girar em torno do conceito analisado nessa pesquisa. Será feita uma breve explicação sobre as principais ideias de cada uma das obras, com o objetivo de compreender de que maneira a Grande Recusa se encaixa em cada uma delas.

1.1. Algumas considerações sobre Aragon: Arte e Política na Era Totalitária (1945)

A primeira aparição da Grande Recusa ocorre em um manuscrito que só foi levado a público muitos anos depois de ter sido escrito. Esse texto encontra-se na obra *Tecnologia, guerra e fascismo* (1999), editada por Douglas Kellner. No início do texto Marcuse traz à tona o problema enfrentado por aqueles que se opõem às formas predominantes de organização social: como fazer oposição aos regimes monopolistas que assimilam todas as críticas feitas contra eles? Esse problema é ainda mais nítido no mundo da arte, como o filósofo pontua: "A exposição dos campos de concentração e da contínua aniquilação das forças antifascistas no mundo produz *best sellers* ou filmes de grande audiência" (Marcuse, 1999, p. 269). As críticas presentes nas obras de arte são transformadas em simples mercadoria. Além disso, o que faz

[1] Em uma nota feita pelo editor, ele explica que a primeira seção do texto parece ter sido feita, ou fortemente alterada, em uma data posterior, todavia, o restante (onde a Grande Recusa é citada) não parece ter sofrido muitas alterações (Marcuse, 1999, p. 268).

com que a arte sofra os maiores impactos com essa transformação reside no fato de que sua característica primordial é a Grande Recusa. Nas palavras de Whitehead:

> A verdadeira importância das proposições falsas para cada circunstância real é desvendada pela arte, pelo romance e pela crítica em referência aos ideais. A compreensão da realidade requer uma referência à idealidade. Eis o fundamento da posição metafísica que sustento. Os dois domínios são intrinsecamente inerentes à total situação metafísica. A verdade de que alguma proposição a respeito de uma circunstância real é falsa pode exprimir a verdade vital quanto à realização estética. Expressa a "grande recusa" que é a sua característica primária (Whitehead, 1926, p. 228, *apud* Marcuse, 1999, p. 270).

A arte é apresentada, então, como expressão daquilo que não ocorre na realidade. Ao expressar a Grande Recusa, ela dá luz as diversas possibilidades que não se realizaram, ou que foram, em efeito, negadas. Daí entende-se o tamanho do problema de uma arte cooptada por esses regimes (sejam eles ditatoriais ou não). Ela perde seu poder alienador, crítico e revolucionário, e se torna mera aparência, apenas um produto mercadológico ou ideológico, perdendo assim sua característica primária.

Um exemplo mais recente de tal fato pode ser visto na cena da música eletrônica, principalmente, *house* e *techno*[2]. Ambas têm suas origens nas comunidades negras, latinas de Detroit, Chicago e Nova Iorque nos anos 80, fazendo festas gratuitas em galpões abandonados e outros locais onde chamariam menos atenção. Todavia, o que mais se vê na atualidade são festas (muitas vezes caríssimas) nas quais não é incomum que menos de 10% dos DJs fazem parte das comunidades que criaram tais estilos (Wheeler, 2020). Apaga-se toda a história desses estilos, além de sua importância para as populações marginalizadas que encontravam na arte uma saída da realidade que as reprimia (e segue reprimindo) tão vigorosamente, e, ainda por cima, foi introjetada a ideia de que esses gêneros têm origem europeia.

> Techno não é "música de Berlim". É música de Detroit. House não veio de Ibiza — ele veio de clubes negros e latinos em Chicago e Nova Iorque. O mesmo vale para *jungle*, que deve seu DNA à juventude britânica negra

[2] House (ou House music) é um gênero de música eletrônica que surge no início dos anos 80, em Chicago, nos Estados Unidos. Foi fortemente influenciado pelo disco, outro estilo extremamente popular nas décadas anteriores, remixando tais músicas, dando-lhes um ar mais mecânico. Alguns exemplos famosos são "*Music is the Key*" (1985) de J.M. Silk, e "*Move Your Body*" (1986) de Marshall Jefferson.
O Techno é um gênero musical criado em Detroit, nos Estados Unidos, e, assim como o House, aparece na década de 80. Suas influências iniciais foram principalmente o funk, jazz, electro e house. O estilo teve tantos subgêneros que se torna uma tarefa difícil encontrar exemplos famosos até os dias de hoje, contudo, alguns dos mais famosos na época são "*No U.F.O.s*" (1985) de Model 500, e "*Techno City*" (1984) de Cybotron.

> experimentando com as influências do *breakbeat* e reggae (Minimal Audio Team, 2025, tradução nossa)[3].

Uma vez que tanto o conteúdo quanto a forma foram uniformizados e cooptados por esses sistemas, sua razão de ser parece se tornar inalcançável. Sendo assim, como uma arte crítica pode ser feita? Marcuse responde essa pergunta colocando a sensualidade como o ponto de partida.

> A sensualidade como estilo, como artística *a priori*, exprime o protesto individual contra a lei e a ordem da repressão. O amor sensual dá a "promesse de bonheur" (promessa da felicidade) que preserva o conteúdo materialista integral da liberdade e se rebela contra todos os esforços para canalizar este "bonheur" em formas compatíveis com a ordem da repressão (Marcuse, 1999, p. 272-273).

A ideia é que até mesmo os temas políticos devem ser ofuscados pela busca da promessa de felicidade que o amor traz. A revolução, o fim da guerra, o fim do nazifascismo, tudo isso é apenas um meio para se realizar tal promessa. Contudo, é justamente por isso que a arte consegue manter seu papel de se distanciar e criticar a realidade e, também, não ser absorvida pelo discurso acrítico. "Amor e liberdade são uma e mesma coisa" (Marcuse, 1999, p. 275). Ter o amor e a felicidade como o principal impulso das criações artísticas possibilita tanto que elas não percam a sua Grande Recusa, quanto que deem às pessoas um ideal alcançável: serem livres.

1.2. Eros e Civilização (1955)

Marcuse parte da ideia freudiana de que a civilização se baseia na subjugação das pulsões[4] ou dos instintos humanos. Sigmund Freud descreve essa subjugação como a transformação do princípio de prazer em princípio de realidade — satisfação imediata se torna satisfação adiada; atividade lúdica se torna trabalho; e coisas que tais (Marcuse, 1975, p. 34). Esse princípio de realidade serve, na verdade, mais como uma garantia do que como uma negação do princípio de prazer. Porém, o filósofo da Teoria Crítica não concorda plenamente com essa ideia, uma vez que Freud considera que a luta entre esses dois princípios seria

---

[3] "*Techno isn't "Berlin music." It's Detroit music. House didn't come from Ibiza—it came from Black and Latin clubs in Chicago and New York. The same goes for jungle, which owes its DNA to Black British youth experimenting with breakbeats and reggae influences*."

[4] Marcuse opta por traduzir *Trieb* por "instintct", talvez porque esta seja a tradução mais frequente em sua época. "Instintct" é uma tradução problemática para *Trieb*, já que sugere que o conceito está restrito ao âmbito biológico.

atemporal. Essa disputa seria produto de específica organização histórico-social, de acordo com Marcuse.

Houve um grande avanço na ciência e na tecnologia desde o começo do capitalismo. Porém, como diz Marcuse:

> Nem a mecanização e padronização da vida, nem o empobrecimento mental, nem a crescente destrutividade do atual progresso, fornecem bases suficientes para pôr em dúvida o "princípio" que tem governado o progresso da civilização ocidental. [...]
>
> Contudo, o progresso intensificado parece estar vinculado a uma igualmente intensificada ausência de liberdade. Por todo o mundo da civilização industrial, o domínio do homem pelo homem cresce em âmbito e eficiência (Marcuse, 1975, p. 27).

Ou seja, mesmo que o avanço tecnológico tenha criado a possibilidade de uma sociedade em que as pessoas tenham cada vez mais tempo livre e, consequentemente, ocorra uma diminuição do tempo de trabalho socialmente necessário, não é isso que se observa.

O progresso tecnológico alcançou um patamar em que ele já consegue suprir as necessidades básicas dos indivíduos, além de também garantir a condição para que seja possível que ocorra uma transformação na forma como a sociedade se organiza. Todavia, esse progresso não ocorre de maneira solta, melhor dizendo, ele é guiado por aqueles que estão no poder. Só que, essas mesmas pessoas que estão no poder perderiam suas privilegiadas posições com tais mudanças. Em decorrência dessa possibilidade, surgem diversas formas de controlar o restante da população (violência, jornadas de trabalho exaustivas, etc.). Chegando a um ponto em que a própria racionalidade industrial poda qualquer tentativa de imaginar uma realidade que não seja essa, taxando tais pensamentos de irracionais e utópicos. "A razão prevalece; torna-se desagradável, mas útil e correta; a fantasia permanece agradável, mas torna-se inútil, inverídica - um mero jogo, divagação" (Marcuse, 1975, p. 133). Todavia, a fantasia, por manter sua liberdade em face ao racional princípio de realidade, pode apontar uma saída para o problema enfrentado pela sociedade capitalista. É a fantasia que dá base para a Grande Recusa: "o protesto contra a repressão desnecessária, a luta pela forma suprema de liberdade — 'viver sem angústia'." (Marcuse, 1975, p. 139). A Grande Recusa é então alcançada pelo despertar de uma nova sensibilidade que possibilite aos indivíduos a capacidade de perceber quais obstáculos surgem no caminho de sua liberdade.

1.3. O Homem Unidimensional (1964)

Herbert Marcuse aponta que a sociedade contemporânea tem caráter unidimensional, ou seja, ela é uma sociedade sem crítica, ou ainda, sem uma real oposição. Essa unidimensionalidade é oposta ao pensamento dialético, e esse último funcionaria através da abstração da própria experiência e dos pensamentos, podendo alcançar conceitos mais gerais, o que faria com que os indivíduos fossem capazes de pensar criticamente. Consequentemente, a sociedade unidimensional é caracterizada por um conformismo em relação ao pensamento e comportamentos existentes. Mas isso não é um fenômeno que ocorre apenas na organização social, estando presente também na esfera individual, e até mesmo na maneira como algumas filosofias e obras de arte são produzidas.

No terceiro capítulo do livro, Marcuse ressalta como a racionalidade tecnológica mina o elemento de oposição e transcendência da arte com relação à realidade, o que gera uma cultura unidimensional. A maneira como isso ocorre é de grande importância; nas palavras do filósofo:

> Essa eliminação da cultura bidimensional não acontece por meio da negação e rejeição dos "valores culturais", mas por sua completa incorporação à ordem estabelecida, por meio de sua reprodução e exibição em escala massiva. [...]
>
> Se os meios de comunicação de massa se misturam harmoniosamente, e muitas vezes imperceptivelmente, arte, política, religião e filosofia com comerciais, eles trazem esses domínios da cultura ao seu denominador comum – a forma mercadoria. [...]
>
> No reino da cultura, o novo totalitarismo manifesta-se precisamente em um pluralismo harmonizador, em que as obras e as verdades mais contraditórias coexistem pacificamente na indiferença (Marcuse, 2015, p. 86, 89).

Em um momento anterior (que corresponde aproximadamente à época de Kant, Schiller e Hegel), a arte era alienada em relação à realidade. A arte, ao se alienar da realidade vivida, ultrapassa e transcende valores e costumes que normalmente nem chegam a ser questionados. Surge então a questão: como fazer uma obra de arte capaz de transcender e, também, retratar a realidade? Marcuse se apoia momentaneamente em Brecht, que aposta que a única maneira de realizar tal feito seria retratando o mundo, mas sempre mostrando que ele pode ser (e em muitos casos, deve ser) alterado, ou seja: o que é real pode ser transformado.

Porém, a sociedade unidimensional absorve até mesmo as artes mais subversivas (até mesmo o estilo crítico e irônico de Brecht foi utilizado como inspiração para os Teatros da Broadway, que mantiveram o humor, mas sem a parte revolucionária), e as transforma em mera mercadoria, fazendo com que elas sejam avaliadas de maneira quantificável (sejam "*likes*",

visualizações, ou retorno monetário). Como consequência dessa absorção, a sociedade unidimensional ainda se faz parecer bidimensional (justamente por conter em si mesma as críticas que lhe são feitas). Mas quando ela faz isso, seu real objetivo é retirar (ou, pelo menos, reduzir consideravelmente) o valor transformador das obras. Um exemplo disso são as obras do gênero *cyberpunk*[5], que inicialmente criticavam ferozmente as diversas características da sociedade capitalista, e denunciavam a falsa ideia de progresso com o slogan crítico "*Hi-tech, low-life.*" (Alta tecnologia, vida precária). Contudo, devido ao sucesso do *cyberpunk* nos anos 90-2000, boa parte das obras que surgem nos dias de hoje se importam apenas em retratar armas avançadas, próteses biônicas e visuais modernos, sobrando pouco (ou até nenhum) espaço para se pensar em alguma crítica.

Com isso, a diferença entre o mundo real (estruturado através do princípio de realidade) e o mundo artístico (guiado pelo princípio de prazer) vai diminuindo progressivamente. A arte, que antes era a própria Grande Recusa, ao realizar "o protesto contra o que é" (Marcuse, 2015, p. 91), agora a recusa. Porém, por mais que possa parecer que tudo está perdido e que a sociedade está condenada a continuar funcionando dessa forma até acabar se autodestruindo, Marcuse também aponta uma direção para que a Grande Recusa seja possível. Para que a arte volte a desempenhar o seu papel de alienação e sublimação, ela deve causar estranhamento, pois assim ela fará com que ocorra uma confrontação dialética, entre aquilo "que não é" e "o que é" (Marcuse, 2015, p. 93). A realidade deve ser retratada como algo a ser negado, as coisas cotidianas não podem ser mostradas como óbvias (já que isso retira a possibilidade de negá-las, bem como dificulta a percepção de que elas são algo a ser avaliado). Isso não faz com que as obras de arte deixem de proporcionar prazer e passem a ser uma tarefa laboriosa. O que é proposto é a realização de uma arte que, por mais que seja prazerosa, não seja utilizada como forma de controle social ao dopar aqueles que a consomem.

1.4. Um ensaio sobre a libertação (1969)

A obra *Um ensaio sobre a libertação* é marcada, como é de se esperar pelo seu título, pela busca de maneiras de alcançar-se uma sociedade que seja verdadeiramente livre, destacando quais são os obstáculos postos pelo *Establishment.* Além da carga teórica, Marcuse

[5] O *cyberpunk* é um gênero estético que surge na literatura no início dos anos 80. Ele se difere de outras obras de ficção científica por retratar uma realidade distópica, altamente tecnológica e igualmente violenta. Além de (inicialmente) criticar diretamente o capitalismo e a globalização, traz reflexões acerca de outras questões, como por exemplo: gênero, sexualidade, a mente, etc.

busca por uma maneira prática de alterar o que dá base para o sistema capitalista que comodificou a liberdade. O livro apresenta diversos exemplos que parecem apontar para o surgimento de uma nova sensibilidade ao redor do mundo: as revoltas estudantis de 68, os protestos contra a guerra do Vietnã, as forças de resistência contra as ditaduras na América Latina, dentre outros. Nas palavras do frankfurtiano "A Grande Recusa se manifesta de diferentes formas" (Marcuse, 2024, p. 5). A presente seção pretende iluminar algumas delas.

Marcuse traz à atenção dois fatores utilizados pelo capitalismo como maneira de se impulsionar e se sustentar: a crescente produção de mercadorias e a exploração imposta para manter tal produção. Esses dois fatores não afetam a realidade apenas no que diz respeito à organização social, mas alcançam também a esfera subjetiva e têm até mesmo um impacto biológico. Através de suas medidas políticas e seu *modus operandi*, o capitalismo introjeta nos indivíduos uma segunda natureza, o que faz com que eles criem uma relação pulsional com a produção e as mercadorias. A consequência disso são as falsas necessidades criadas e internalizadas como fundamentais (que, caso não sejam satisfeitas, chegam a causar diversas disfunções no organismo das pessoas). Exemplos contemporâneos não faltam. O sentimento de culpa por não produzir o suficiente; a sensação de estar atrasado em relação aos seus pares; etc. Para que seja possível fazer uma crítica a essa sociedade, é necessária a criação de novos valores morais, políticos e estéticos. Em outras palavras, uma nova sensibilidade, ou ainda, uma Grande Recusa. Seu objetivo não é simplesmente negar, mas negar visando a criação de uma nova realidade na qual a humanidade não mais se veria presa num sistema fundamentado na exploração e controle da vida humana, uma realidade utópica, mas alcançável. E ela se apresenta das mais variadas formas: através de músicas que denunciavam regimes totalitários disfarçadamente (por exemplo, *Apesar de você,* de Chico Buarque); em protestos e outras ações políticas; e, também, ao tomar consciência da possibilidade de viver sem se sujeitar a todo tipo de violência que é normalizada.

A dimensão estética seria essencial para essa nova e utópica (porém, não impossível) sociedade. O belo, a alegria, o prazer e a sensualidade são alguns dos seus possíveis valores moduladores, mas não como mercadorias, nem como meras recompensas por um mês de árdua exploração da força vital de cada um. Assim o filósofo aponta para a possibilidade de um mundo "de relacionamentos humanos não mais mediados pelo mercado, não mais baseados na exploração competitiva, ou no terror" (Marcuse, 2024, p. 30). Consequentemente, haveria uma mudança qualitativa também na razão e na tecnologia, que, baseadas na arte, seriam feitas tendo

em vista “descobrir e realizar as possibilidades das coisas e dos homens quanto à proteção e à gratificação da vida” (Marcuse, 2024, p. 27).

As ideias de Marcuse sempre parecem apontar para os perigos da racionalidade capitalista, que segue a todo vapor até os dias de hoje, e seus diversos desdobramentos. Contudo, o que ele defende não é uma espécie de tecnofobia ou banalização da razão, como já fora defendido por alguns (Lebrun, 1995). O que guia o filósofo é a percepção da necessidade de uma reforma na razão, e não apenas em como ela é utilizada, mas sim, uma alteração na base de sua estrutura. Whitehead também se mostrava interessado em tal questão, mesmo que vindo de uma perspectiva diferente do filósofo frankfurtiano, suas teorias ainda dividem pontos comuns.

2. A GRANDE RECUSA DE WHITEHEAD

Alfred North Whitehead (1861–1947) foi um grande expoente da matemática e da filosofia, tendo feito obras de renome como, por exemplo, os três volumes de *Principia Mathematica* (1910; 1912; 1913) que escreveu junto de Bertrand Russell (1872–1970). Além de tratar sobre matemática, lógica e epistemologia, escreveu extensivamente sobre filosofia da ciência e educação. Em sua obra, *A ciência e o Mundo Moderno* (1925), ele faz uma defesa da experiência estética como parte essencial — e normalmente ignorada — da razão, e para realizar tal tarefa usa brevemente o conceito que mais tarde seria utilizado por Herbert Marcuse: a Grande Recusa.

Whitehead analisa em seu livro a maneira como a cosmologia da ciência impactou diversos campos da sociedade ocidental moderna. No entanto, sua investigação não é apenas histórica, sendo conduzida pelo que ele julga ser uma das funções da filosofia: criticar as cosmologias das diferentes épocas, além de se empenhar em remodelar, justificar e harmonizar diferentes pensamentos acerca da natureza e do funcionamento das coisas (Whitehead, 2006, p. 9). Com isso, a obra dá o devido mérito aos inegáveis avanços proporcionados pela ciência, além de, também, apontar suas falhas perpetuadas até os dias de hoje.

Já no primeiro terço do livro o britânico começa a esboçar um problema que a comunidade científica parece ignorar. O materialismo científico fez com que a natureza fosse compreendida como um mecanismo, e tal ideia cerceia a razão, impedindo-a de alcançar seu potencial, uma vez que a ciência ignora uma série de possíveis abstrações acerca do seu objeto de estudo.

> A desvantagem de dar atenção a um exclusivo grupo de abstrações, por bem fundadas que sejam, reside no fato de que, conforme a natureza do caso, prescindimos das coisas restantes. À medida que as coisas excluídas tornam-se importantes em nossa experiência, nossos modos de pensamento passarão a ser inapropriados para ocupar-nos delas. Não podemos pensar sem abstrações; sendo assim, é da máxima importância manter-se vigilante em rever criticamente os "modos" de abstração. Aqui é que a filosofia encontra o lugar próprio como essencial ao sadio progresso da sociedade. É a crítica das abstrações. Uma civilização que não consegue romper com as abstrações correntes está condenada à esterilidade, depois de breve período de progresso (Whitehead, 2006, p. 79).

Para o britânico, o exercício pleno da razão só pode ser alcançado se agir conjuntamente com a experiência estética (Malaspina, 2024, p. 109). Por causa disso, sua atenção se volta para a literatura no capítulo intitulado "A Reação Romântica", pois, segundo o próprio, é nela que se pode encontrar uma observação concreta da humanidade, bem como os pensamentos mais autênticos de uma época (Whitehead, 2006, p. 100).

O primeiro poema apresentado já aponta o problema a ser combatido. Alfred Tennyson (1809–1892) escreve "'as estrelas' murmura ela, 'correm cegamente'" (Whitehead, 2006, p. 102). Poderia se perguntar qual a relação dessa passagem com a interpretação de natureza como um mecanismo. Assim como as estrelas fazem suas trajetórias cegamente, também os átomos, elétrons e qualquer matéria percorrem caminhos sem nenhum *telos*. Mas e quando, por exemplo, esses elétrons se encontram dentro em um cérebro humano? Sendo os humanos formados por essa matéria — que corre cegamente — eles também deverão correr cegamente. Então, como poderia ser atribuído a qualquer indivíduo alguma responsabilidade por suas ações? Mente, consciência, liberdade, entre outras coisas, nada disso teria a menor importância para a ciência e para a razão. Whitehead se opõe a essa ideia afirmando que o materialismo só conseguiria explicar entidades abstratas, enquanto o mundo concreto deve ser compreendido como um organismo "de modo que o plano do 'todo' influencia as verdadeiras propriedades dos organismos subordinados que nele entram" (Whitehead, 2006, p. 104). Isso não quer dizer que estrelas e/ou elétrons são entidades conscientes de suas trajetórias, mas sim que enquanto um elétron estiver em um corpo animado, sua trajetória se dá — e deve ser compreendida — de acordo com a esfera corporal, que por sua vez inclui a esfera mental.

Isso por si só já demostra a incompatibilidade entre a cosmologia científica e a vida moral concreta, mas a reação romântica vai além disso, não só se preocupando com a diferença entre matéria viva ou não, mas também, ao criticar o modo de se fazer ciência. No poema *The Tables Turned*, o poeta William Wordsworth (1770–1850) sintetiza o sentimento de repulsa

para com a fria atitude dos cientistas em relação à natureza da seguinte forma: “Assassinamos para dissecar” (Whitehead, 2006, p. 108). A intenção de Whitehead ao trazer esse autor é tão somente denunciar a maneira como a ciência está sendo feita durante séculos, de forma completamente distante do objeto de estudo, ignorando toda a complexa esfera de tudo aquilo que circunda a natureza. Contudo, ele mesmo se atenta para a possível interpretação dessa denúncia como um discurso anticiência. Por mais que sejam feitas duras críticas à ciência, isso não torna impossível — e muito menos desimportante — imaginar uma forma diferente de fazê-la (Whitehead, 2006, p. 109). A ideia de Whitehead é de compreender o universo (e todas suas partes) como um processo, ao contrário da ideia que coloca as partes elementares que constituem o cosmos como sendo “estáticas e fechadas em si mesmas” (Antiseri; Reali, 2018, p. 936). Todavia, permanece a dúvida: como fazer algo desse tipo?

Em seu décimo capítulo, intitulado “A Abstração”, o foco deixa de ser uma análise e se torna uma tentativa de criar uma cosmologia mais ampla, ao ponto de incluir, tanto a ciência moderna quanto seus críticos. Para isso ele elabora uma abordagem diferente do restante do livro:

> [...] deixaremos de lado os problemas peculiares à ciência moderna e nos colocaremos no ponto de vista de uma consideração desapaixonada da natureza das coisas, anteriores a qualquer investigação especial em seus detalhes. Esse ponto de vista é chamado “metafísico” (Whitehead, 2006, p. 195).

Partindo daí, ele mostra como as coisas que são conhecidas relacionam-se entre si em circunstâncias que transcendem a experiência imediata, podendo ser análogas ou diferentes do que foi experienciado. Por exemplo, é possível, ao se observar uma bola vermelha, relacionar essa tonalidade de vermelho com a esfericidade da bola, uma vez que nesta experiência o vermelho e a esfericidade estão ligados, mas cor e forma são conceitos independentes entre si e a associação dos dois, nesta bola vermelha específica, é uma ocasião real-atual, isto é, um evento contingente e passageiro. Assim sendo, existe uma relação entre **aquilo que é** e **aquilo que poderia/pode ser**. E ela é central para sua cosmologia:

> A compreensão da realidade requer uma referência à idealidade. Eis o fundamento da posição metafísica que sustento. Os dois domínios são intrinsecamente inerentes à total situação metafísica. A verdade de que alguma proposição a respeito de uma circunstância real é falsa pode exprimir a verdade vital quanto à realização estética. Expressa a “grande recusa” que é a sua característica primária (Whitehead, 2006, p. 196-197).

Com isso, o filósofo britânico não só faz uma defesa da imaginação, mas também define uma metafísica baseada na ideia de que toda síntese da experiência é também uma síntese estética (Whitehead, 2006, p. 202), pois ela se dá através do embate entre real e ideal. A compreensão das coisas não se dá assim como se entende uma máquina, o universo não se demonstra mais como um mecanismo, e sim como um organismo atravessado por inúmeros eventos (sejam eles realizados ou não). Ao invés do simples fato, deve ser compreendido junto a ele suas possíveis alternativas. Cécile Malaspina (2024) ilustra a cosmologia proposta por Whitehead através de um jogo de xadrez. Cada jogada é feita tendo em mente um reino de possibilidades alternativas. Só é possível avaliar um movimento em detrimento dos movimentos não feitos (*untrue*). A compreensão de cada jogada e sua relação com o plano geral da partida é feita, analisada e avaliada tendo em mente as alternativas. Os movimentos não feitos (ou recusados) participam, mesmo que indiretamente, da partida. Duston Moore resume muito bem em um artigo a ideia e função da Grande Recusa na metafísica whiteheadiana ao dizer "Possibilidade e atualidade são intrinsecamente inerentes em cada evento. O estado dos eventos é revelado pela inferência do que esses eventos não são, contudo, poderiam ser." (2007, p. 90, tradução nossa[6]).

Dessa maneira devem ser guiadas a ciência e a razão, entendendo os fenômenos não apenas como simples objetos, mas, tendo em mente todas as alternativas relacionadas e/ou negadas em relação ao evento. Enquanto isso não ocorre, a explicação científica se torna vazia de valor, e seus conceitos são entendidos como substâncias simples, meros pontos soltos em um plano cartesiano. Whitehead, aliado das ideias dos homens da ciência e dos românticos, substitui a substância pelo processo, que contém em si não só o "*matter of fact*", mas suas inúmeras relações.

> Recordando o papel dos poetas em nossa experiência concreta, vemos logo que o elemento de valor, de ser valioso, de ter valor, de ser um fim em si, de ser uma coisa por si mesma, não deve ser omitido em nenhuma consideração de acontecimento como aquilo que é mais concreto e real. (Whitehead, 2006, p. 121).

Whitehead almeja, com auxílio da Grande Recusa, libertar a razão que se encontrava confinada nos dogmas científicos e em sua abstração excludente, indo em direção a uma expansão do escopo da compreensão da realidade, pois "Há mais na realidade do que alcança

---

[6] "*Possibility and actuality are intrinsically inherent in each event. The state of events is disclosed by the inference of what these events are not, yet could be*".

os olhos" (Malaspina, 2024, p. 113, tradução nossa)[7]. Seria possível afirmar que a célebre frase "*sapere aude*"[8], outrora voltada contra aqueles que defendiam deter o conhecimento e a verdade, agora deve se voltar para a própria ciência? Não para aboli-la, mas para reformulá-la.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes mesmo de Whitehead ou Marcuse falarem sobre a Grande Recusa, houve outra figura que trouxe tal termo à luz, Dante Alighieri (1265–1321), em sua obra mais famosa, *A divina comédia* (1304–1321), a qual ele próprio (seu eu-lírico no caso) protagoniza. Contudo, para o poeta, *il gran rifiuto*[9] seria um ato de covardia, de ser incapaz de tomar uma decisão por medo de suas consequências. O destino daqueles que se acovardam e se acomodam, ao invés de ousarem tomar uma decisão, é agonizar eternamente no Vestíbulo do Inferno, nem céu, nem inferno; nem morte, nem salvação. Por mais que o autor esteja fazendo uma dura crítica à covardia, seu eu lírico é retratado como alguém cheio de medos e incertezas, em muitas ocasiões se mostrando hesitante em seguir sua jornada, e é justamente por isso que mencioná-lo tem mais importância do que simplesmente apontar quem foi o primeiro a usar a expressão Grande Recusa. Teria Whitehead tomado o termo da obra de Dante e invertido seu sentido? Mesmo sem ter uma resposta para tal questão, existe algo que ambos parecem compartilhar, também com Marcuse, em seus ideais. O que aproxima o poeta dos dois filósofos centrais nesse artigo é justamente a relevância da coragem, seja para atravessar o inferno, para libertar a razão, ou ainda, para caminhar em direção a uma sociedade não repressiva.

É possível relacionar a ideia de Grande Recusa com duas metáforas bem conhecidas: A alegoria da caverna (de Platão) e a Matrix (do filme homônimo). As três ideias rondam um mesmo ideal: é necessário um "pensamento negativo" para que se possa caminhar em direção à liberdade. Porém, mesmo que muitas vezes pareça ser impossível acabar com esse sistema, é válido também lembrar que na época das monarquias absolutistas, questionar a autoridade real era ir contra Deus. Todavia, houve aqueles que questionaram, que foram presos, que lutaram, e por fim, aqueles que acabaram com tal regime.

---

[7] "*[...] there is more to reality than meets the eye*."
[8] Cf. KANT, I. Immanuel Kant: textos seletos. Trad. Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes, Petrópolis: Vozes, 1985, p. 81.
[9] Cf. Inferno, Canto III, verso 60.

Tanto Marcuse quanto Whitehead defendem a necessidade de um novo modo de se pensar. Ambos apostam numa compreensão muito mais ampla de mundo, aliados de uma razão que compreenda os eventos como processos, dando a devida importância para as proposições negadas para a realização (ou atualização) de tais eventos. Entretanto, a Grande Recusa não é apenas a simples compreensão daquilo que não foi realizado, ela busca a realização das premissas não atualizadas. Basta arguir: quantas pessoas têm de negar seus sonhos diariamente para trabalhar em condições desumanas na tentativa de garantir seu sustento? O pensamento dialético é essencial para que seja alcançada uma nova sensibilidade, que se colocará oposta às diversas formas de opressão sofridas pela esmagadora maioria da população mundial, ao invés de encarar a realidade como simples fato dado.

A cada dia que passa a tecnologia é mais presente no cotidiano da população ao redor do mundo, e ela é acompanhada dos ideais de uma parcela ínfima da população mundial, que detém boa parte do controle não só do que é produzido (sejam alimentos, tecnologias, arte, etc.), mas também do poder político. Tendo em vista a urgência de uma mudança na organização social dados os diversos problemas que surgem quase diariamente numa escala global — um dos maiores níveis de desigualdade econômica e social de que se tem registro; catástrofes climáticas; a crescente defesa de ideologias violentas e extremistas; e também, uma população doente, ou, talvez, adoecida de maneira planejada — prova-se a atualidade e importância das ideias dos dois filósofos, e, consequentemente da Grande Recusa.

Uma revolução radical (que alcance tanto a esfera social quanto a subjetiva) se torna tanto possível quanto necessária. Por mais que o Princípio de Desempenho e a racionalidade tecnológica sejam postas como a única possibilidade, é justamente essa falta de alternativa que deve ser combatida. Não é como se não houvesse saída, não? E essa é a ideia enfrentada pelas duas teorias. Uma nova razão, nas palavras de Marcuse ao citar Whitehead (1959):

> A nova ideia de Razão é expressa na proposição de Whitehead: "A função da Razão é promover a arte da vida". Em vista desse fim, a Razão é a "direção do ataque sobre o meio" que deriva do "triplo desejo de: (1) viver. (2) viver bem, (3) viver melhor". As proposições de Whitehead parecem descrever tanto o verdadeiro desenvolvimento da Razão quanto seu fracasso. Ou melhor, parecem sugerir que a Razão ainda está para ser descoberta, reconhecida e realizada, pois até agora a função história da Razão também tem sido reprimir e mesmo destruir o desejo de viver, viver bem e viver melhor – ou adiar e colocar um preço exorbitantemente alto para a realização desse desejo (Marcuse, 2015, p. 217-218).

Portanto, surgem algumas questões: em que medida um estudo mais aprofundado da teoria whiteheadiana poderia auxiliar na compreensão de Marcuse? Além de, também, ajudar a

concretizar as ideias do teórico crítico. E, talvez até mais urgente que essa primeira, quais são os novos obstáculos enfrentados para que ocorra uma real transformação na organização social? Essa última parece ser um pouco mais complexa de ser respondida, dado o fato que a maioria dos obstáculos não se mostram como tais. Autores como, Shoshana Zuboff, Max Fisher, Deivison Faustino, Walter Lippold[10], entre diversos outros, se empenham em denunciar as novas ferramentas de opressão e controle advindas da Era Digital, denunciando diversas tecnologias que aparecem como inofensivas, mas acabam por minar cada vez mais a liberdade de seus usuários. Se, de acordo com Whitehead, o dogma religioso "apresentavam o homem como incapaz de cooperar com a Graça Irresistível; o esquema da ciência de então apresentava o homem como incapaz de cooperar com o irresistível mecanismo da natureza" (Whitehead, 2006, p. 99), agora o sistema capitalista impõe a tecnologia como sendo irresistível. É justamente por isso que se faz tão necessária a busca por um mundo que não está dado, mas que pode ser alcançado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R; MARINHO, A. **Marcuse**: o conceito de Grande Recusa como Princípio de Realidade. 10 f. Projeto para Programa de Pós Doutorado – (Departamento de Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em : https://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posdoc/projeto/Renata%20Almeida%20de%20Araujo%20Marinho%20projeto%20posdoc%202023.pdf. Acesso em: 16 de dez. 2024.

ANTISERI, D.; REALE, G. **Filosofia**: Idade Contemporânea Vol. III. São Paulo: Editora Paulus, 2018. 1376 p.

FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.

FISHER, M. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023.

[10] Cf. FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.
FISHER, M. A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.
ZUBOFF, S. A era do capitalismo de vigilância. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.

KANT, I. **Immanuel Kant: textos seletos**. Trad. Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes, Petrópolis: Vozes, 1985.

LEBRUN, G. A utopia descabelada. [Entrevista concedida a] Vinícius Torres Freire. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 set. 1995. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/10/mais!/5.html. Acesso em: 3 jul. 2025.

MALASPINA, C. Variations on the Great Refusal via Dante and Whitehead. In: **More-Than-Human Aesthetics**. Bristol University Press, 2024. p. 104-119.

MARCUSE, H. Algumas considerações sobre Aragon: arte e política na era totalitária. In MARCUSE, H. **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. Ed. Douglas Kellner. Trad. Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Editora Unesp, 1999. 369 p.

MARCUSE, H. Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna. In MARCUSE, H. **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. Ed. Douglas Kellner. Trad. Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Editora Unesp, 1999. 369 p.

MARCUSE, H. **Eros e Civilização**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. 232 p.

MARCUSE, H. **O homem unidimensional**. São Paulo: Edipro, 2015. 248 p.

MARCUSE, H. **Um ensaio sobre a libertação**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2024. 192p.

MINIMAL AUDIO TEAM. Eletronic Music is Black History. **Blog Minimal Audio**. [*S.l.*], 20 fev. 2025. Disponível em: https://blog.minimal.audio/electronic-music-is-black-history/. Acesso em: 12 jul. 2025.

MOORE, D. Whitehead and Marcuse: The great refusal, universals and rational critical theories. **Journal of Classical Sociology**, v. 7, n. 1, p. 83-108, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1177/1468795X07073953. Acesso em: 26 jul. 2025.
NOBRE, Marcos. **Curso livre de Teoria Crítica**. Campinas: Papirus Editora. 2008.

WHEELER, A. 'Make techno black again': a social experiment subverts whitewashing in clubs. **The Guardian**. Los Angeles, 18 mar. 2020. Disponível em: https://www.theguardian.com/us-news/2020/mar/18/african-americans-techno-music-los-angeles-clubs-whitewashing. Acesso em: 12 jul. 2025.

WHITEHEAD, A. N. **A ciência e o mundo moderno**. Trad. Hermann Herbert Watzlawick. São Paulo: Paulus, 2006.

WHITEHEAD, A. N. **Science and the Modern World**. New York: Macmillan, 1926.

WHITEHEAD, A. N. **The function of Reason**. Boston: Beacon Press, 1959.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.